

## SÃO LUÍS SITIADA

**Daniel Blume, advogado**

---

Sempre é tempo de gritar que a violência em São Luís está avassaladora e generalizada. Parece ter saído das frias páginas policiais, que muitas vezes pareceram narrativas de uma realidade longínqua, para a esquina ao lado. Ninguém a salvo. Não reconheço mais a cidade em que cresci. Até quando?

Sem exceção, todos os dias, conversas, jornais, redes sociais dão conta de mais uma vítima de assalto, golpe, latrocínio, assassinato. Destaco o caso da Sra. Lena Murad, pessoa, mulher, mãe, cidadã que – ao terminar uma simples caminhada na Lagoa da Jansen – foi abordada por bandidos menores de idade, que a alvejaram com um tiro no rosto, ao pôr-do-sol, num dos principais pontos turísticos da Cidade. Quase o seu pôr-da-vida. Na Litorânea, os crimes *idem* são constantes.

Não se pode dizer que o problema se agrava porque as autoridades estariam isentas desta realidade. Todos estão sujeitos aos riscos a que a violência expõe. Cito o vereador Ivaldo Rodrigues e o Secretário de Estado Alberto Franco, pois divulgaram os incidentes. Outros casos – apesar de ter conhecimento – deixo de especificá-los, seja por falta de autorização, seja mesmo por ausência de espaço. Não disponho aqui de tomos. Da mesma forma, um sem-número de cidadãos, cada dia sempre e mais. Eu próprio já fui roubado na Lagoa à mão armada, oportunidade em que me foram levados tênis, relógio e tranquilidade.

Talvez o primeiro passo a ser dado seja reconhecer o problema como grave e real. Sabe-se que o crescimento da violência é um problema nacional, porém, em São Luís, os índices são singularmente alarmantes. No ano de 2012, tivemos seiscentos e trinta e cinco homicídios. Em 2013, já foram duzentos e vinte e três. Só em abril, há registro de nada menos que setenta e seis assassinatos na Ilha, segundo mês mais violento da história. Terra que sangra encurralada, cercada não apenas de água, mas especialmente de criminalidade.

Todavia, para desespero ou revolta de muitos, alguns integrantes da segurança pública preferem minimizar a epidemia, tratando-a como uma doença tóxica, pontual. Pior que há quem afirme que a escalada da violência seria ilusória, não passaria de ficção, sensação artificial. Absurdo.

Estaríamos então loucos, vivendo em *O Alienista* de Machado Assis? Será que tiro na cara e revólver na nuca são pura ilusão? Cada gota de lágrima e de sangue das vítimas que vão (e das que ficam) seriam obra da imaginação popular, uma espécie maligna de folclore?

A tranqüilidade, a integridade e a dignidade da população de São Luís não merecem e não podem ser tratadas com sofismas. Sangue humano não é ficção.

Desde 2007, na crônica *O Sangue de São Luís* já lamentava que, infelizmente, homicídios e assaltos passaram a fazer parte do nosso dia a dia. Agora, não estão eles apenas esporadicamente noticiados nos jornais lidos pela manhã. O terror está, com freqüência, na porta de casa, na lagoa, na litorânea, nos shoppings, nos semáforos, nos bares, nos cafés, nos restaurantes. No cotidiano, temor.

Disse, na época, que a violência que atinge São Luís gera espanto até em cariocas que nos visitam. Porque, mesmo no Rio de Janeiro (capital marcada pela violência urbana protagonizada pelo tráfico organizado de drogas), não se vê encapuzados entrando nos bares e restaurantes para roubar ou matar, especialmente, na dita área nobre da cidade. Mas isso ocorre aqui em São Luís. O ludovicense ou mesmo o turista nem pode mais passear com sua família tranqüilamente. E se for, deve ir preparado para uma agressão. Lamentável. Todas estas afirmações permanecem atuais e alarmantes, haja vista também o crescimento demográfico da Capital.

Assim, não se pode compreender como alguns insistem em dizer que a sensação de violência de São Luís é artificial ou que está (quase) tudo bem com a segurança pública em nossa cidade. As evidências dispensam comentários, vez que revelam o oposto.

Ainda urge providência. Frente à São Luís sitiada, fica o *até quando...*

*danielblume@gmail.com*